



A Saúde do Texto: O Jornalismo Literário e a Cobertura das Ciências Médicas¹

André Cioli Taborda Santoro

Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Centro de Comunicação e Letras – Curso de Jornalismo).²

Resumo

Este trabalho traz a análise de uma reportagem publicada pela revista "Piauí" em março de 2007 ("Dormir, nunca mais"). A matéria, escrita originalmente por D. T. Max para o livro "The Family that Couldn't Sleep" (não analisado neste artigo), narra o cotidiano de uma família italiana que sofre com uma doença incurável, a Insônia Familiar Fatal (IFF), que faz com que suas vítimas não consigam repousar e morram por esgotamento. Ancorada em técnicas literárias que ampliam o alcance do texto entre leitores não familiarizados com o tema, a reportagem se afasta dos modelos tradicionais de elaboração do texto jornalístico e se aproxima dos moldes do jornalismo literário. A análise leva em conta duas das quatro principais estratégias narrativas apontadas por Tom Wolfe em seu livro "The New Journalism".

Palavras-chave

Comunicação e Saúde; Jornalismo Científico; Jornalismo Literário

A revista "Piauí"

Anunciada durante a Festa Literária Internacional de Parati em 2006 e lançada em outubro do mesmo ano, a revista "Piauí" já revelou a que veio: em suas páginas, encontramos texto. Muito texto espalhado em suas páginas com tamanho diferenciado. São ensaios, crônicas, relatos ficcionais, quadrinhos, reportagens fotográficas, histórias de vida e fatos do noticiário reapurados e reescritos com abordagens diferenciadas.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica.

² Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense. Trabalha atualmente como docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie e jornalista free-lancer da Editora Abril. E-mail: andresantoro@terra.com.br



Da primeira à última página, há pelo menos uma dezena de matérias, de tamanho médio ou grande, sobre temas diversos. Da descoberta da ossada de uma criança pré-histórica à história sobre o operário que morreu ao despencar de um andaime em chamas no Morumbi, em São Paulo (pautas da primeira edição da revista), a publicação passeia por um universo temático enorme. Seus editores, aparentemente, não se preocupam em delimitar um foco para as reportagens. Elas parecem peças soltas, que – exceção feita à qualidade e quantidade do texto – parecem não compor o que algumas publicações chamam de linha editorial.

Em todas as reportagens, algumas características comuns sobressaem. O apuro no levantamento de informações e o processo minucioso de construção do texto talvez sejam as mais relevantes do ponto de vista jornalístico.

Em ensaio produzido para o site "Texto Vivo", o pesquisador Edvaldo Pereira Lima esboça as possibilidades que culminaram nesta e em outras publicações, atuais ou não.

"Os jornalistas literários e narradores da realidade do final do século 20 e começo do século 21 estão provando que é possível escrever narrativas da realidade sobre qualquer tema. Desprezam o compromisso com o "gancho", esse jargão jornalístico que tão fortemente determina a vida e a morte dos temas que merecerão cobertura na mídia. No Jornalismo Literário o horizonte de tempo não se limita à atualidade, abrange a contemporaneidade, isto sim.

O objetivo central não é direcionar o foco de visão a um fato noticioso estreito, mas abarcar a vida como ela é, nas suas grandezas escondidas por detrás das rotinas. Por isso os narradores do real aplicam seu talento a todos os setores da vida moderna, da política à economia, do esporte à viagem, da educação à ciência. Dedicam-se meses a fio para compreender e narrar com propriedade as dimensões humana, social, econômica de se construir uma casa, de se conduzir um ano letivo numa escola primária, de se realizar uma infinidade de transplantes de órgãos num centro cirúrgico, de se desencadear uma revolução tecnológica no mundo da informática. O elenco de temas é tão vasto quanto a própria vida, a liberdade de pautas é tão flexível quanto a complexa, mutante realidade da nossa civilização em acelerado processo de mudança"³.

Ao mencionar o desprezo do Jornalismo Literário pelo gancho, o pesquisador cita uma estratégia usada na revista "Piauí". No texto "Um horror, grande e mudo, um silêncio profundo" (outubro de 2006), o leitor tem a oportunidade de conhecer um personagem que, durante muito tempo, esteve presente no noticiário nacional: Roberto Jefferson. O

³ Artigo disponível em: <<http://www.textovivo.com.br/edvtt01.htm>>. Acesso em 30/5/2007.



político que detonou uma das grandes crises do governo Lula é observado de perto pelo repórter (que não assina a matéria na edição impressa) durante o dia de votação do primeiro turno das eleições de 2006. Não há gancho. O fato gerador de interesse – as eleições – não seria suficiente para justificar uma pauta com esse personagem em um veículo impresso tradicional.

O objetivo central, como diz Lima em seu ensaio, não é direcionar o foco a um fato noticioso estreito – até porque não há, propriamente, uma notícia no relato sobre Jefferson. O que o texto mostra é um dia na vida desse personagem. Ele relata suas experiências como político, mas também se mostra como cidadão comum, ao revelar a relação com o pai, elemento responsável, em grande medida, pela construção de sua personalidade.

Em outro texto, "O coronel morreu antes" (outubro de 2006), o fato que direciona a pauta é o assassinato de Ubiratan Guimarães, que comandou o massacre do Carandiru. O repórter não se preocupa com os desdobramentos das investigações que buscavam identificar o culpado pelo assassinato, mas com a vida de um ex-detento, José Izabel da Silva Filho, hoje em liberdade, que descreve a sua própria história.

Nas duas matérias citadas acima, ainda que o gancho não esteja presente, é perceptível a relação com algum fato recente – situação que se repete em outros textos da revista. Isso não acontece, no entanto, na reportagem "Bom dia, meu nome é Sheila" (outubro de 2006), que descreve o cotidiano de um curso para operadores de telemarketing. Não há nenhum acontecimento, recente ou não, que mereça destaque. Mas ainda assim a matéria se sustenta, pois desperta a curiosidade do leitor para um universo que, apesar de desconhecido por muitos – a vida de quem trabalha com telemarketing –, repercute de forma inquestionável, quase sempre negativa, na vida de quem tem ao menos um telefone fixo ou celular e precisa ou é obrigado a usar serviços como os descritos pelo repórter.

Além das matérias citadas, a revista abre espaço, desde sua primeira edição, para temas relacionados ao universo científico. Pautas de antropologia, biologia e medicina, entre muitos outros temas, povoam as páginas da publicação. Neste artigo, nos propomos a analisar uma reportagem específica – "Dormir, Nunca mais" –, publicada na edição de



março de 2007 de "Piauí". O objetivo é apresentar as possibilidades do jornalismo literário na cobertura de temas científicos – mais especificamente, da área de saúde. Para tanto, faz-se necessário apresentar, antes da discussão que propomos, uma breve revisão dos conceitos que serão utilizados, relacionados ao universo teórico do jornalismo literário.

O Jornalismo Literário

Uma das principais questões relacionadas ao Jornalismo Literário (JL) é o uso de recursos da literatura como forma de produzir textos mais elaborados – sempre com base em elementos factuais. Não há consenso quanto ao uso desses recursos, nem é possível definir uma lista definitiva de estratégias narrativas do JL, pelo fato de que qualquer tentativa de reelaboração narrativa dos acontecimentos, observados a partir das técnicas jornalísticas, é bem-vinda.

Apesar da dificuldade de se delimitar esses recursos, o livro "The New Journalism", publicado originalmente em 1973 por Tom Wolfe e republicado recentemente no Brasil com o título "Radical Chique e o Novo Jornalismo", trouxe uma sistematização que é usada até hoje pelos principais pesquisadores que se dedicam a estudar o JL em suas diferentes vertentes. Segundo o autor, há pelo menos quatro recursos principais que podem ser identificados nas obras dos jornalistas e escritores que produziram obras jornalísticas com elementos literários. Antes de entrar na definição dos recursos, trazemos uma breve apresentação do pensamento do autor sobre o tema:

"Se se acompanha de perto o progresso do Novo Jornalismo ao longo dos anos 60, vê-se acontecer uma coisa interessante: os jornalistas aprendendo do nada as técnicas do realismo – especialmente do tipo que se encontra em Fielding, Smollett, Balzac, Dickens e Gogol. Por meio de experiência e erro, por "instinto" mais que pela teoria, os jornalistas começaram a descobrir os recursos que deram ao romance realista seu poder único, conhecido entre outras coisas como seu "imediatismo", sua "realidade concreta", seu "envolvimento emocional", sua qualidade "absorvente" ou "fascinante".⁴

"Imediatismo", "realidade concreta" e "envolvimento emocional", entre outros atributos apresentados pelo autor, são elementos indispensáveis de uma obra jornalística – ou, ao

⁴ 2005, p. 53.



menos, da grande reportagem, que se destaca devido ao alcance narrativo e ao alto teor informativo. Dos romances realistas dos autores mencionados por Wolfe e de muitos outros, os jornalistas aproveitaram, em suas produções, as seguintes estratégias:

Construção da narrativa cena a cena

Ao apresentar o conjunto de acontecimentos que compõem a reportagem como uma seqüência de cenas, descritas com o maior número possível de detalhes, o jornalista lança mão de um recurso que arremessa o leitor para o ambiente em que a narrativa se desenrola. O corte temporal pode ser feito de diversas formas: linear, em retrospecto, com "flashbacks", sem organização cronológica, com ou sem vínculo seqüencial com os fatos relacionados a um único personagem. Mas as cenas nas quais os personagens estão inseridos sempre são privilegiadas como unidade narrativa central.

Uso de diálogos

No texto jornalístico que convencionamos chamar de "tradicional", elaborado a partir dos moldes do "lead" e da pirâmide invertida, os depoimentos dos personagens, que costumam ser chamados de "fontes" – como se servissem apenas de repositório de informações e não participassem da ação descrita nas matérias – geralmente são utilizados de forma discreta, quase tímida, durante a construção dos relatos. Uma declaração entre aspas aqui, outra acolá, e está resolvida a questão do uso das "fontes".

Esse recurso tem mil e uma utilidades. Serve para dar voz ao jornalista, e não à "fonte", como se o repórter jamais pudesse entregar o microfone ou o gravador àquele que está sendo entrevistado, para não correr o risco de deixar este último falar demais. Serve para justificar edições desastrosas de entrevistas, que modificam completamente o teor dos depoimentos colhidos pelo repórter. Serve, enfim, para legitimar o discurso jornalístico: ao utilizar um depoimento, mesmo que inútil, inexpressivo e deturpado, o jornalista encontra um alibi para seus eventuais deslizes informativos. Se a "fonte" disse, o problema é dela.



No jornalismo literário, os depoimentos são usados para criar ambientes e descrever situações que, apresentadas ao leitor de outra forma, se diluiriam na narrativa. A respeito dessa estratégia, escreve Tom Wolfe:

"Os escritores de revista, assim como os primeiros romancistas, aprenderam por tentativa e erro algo que desde então tem sido demonstrado em estudos acadêmicos: especificamente, que o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso (...). Os jornalistas trabalhavam o diálogo em sua mais plena e mais completamente reveladora forma no mesmo momento em que os romancistas o eliminavam, usando o diálogo de maneiras cada vez crípticas, estranhas e curiosamente abstratas".⁵

Ponto de vista da terceira pessoa

Colocar-se no lugar de um personagem para apresentar a sua visão sobre os acontecimentos que constituem a narrativa. Esse é o terceiro recurso apresentado por Tom Wolfe como uma das ferramentas do Novo Jornalismo – e, por extensão, do jornalismo literário. Ao apresentar essa estratégia discursiva, Wolfe apresenta uma questão importante: como é possível descobrir o que determinado personagem estava pensando naquele momento? A resposta: com entrevistas exaustivas, que esgotem todas as questões levantadas pelo repórter durante o processo de coleta de informações. Foi o que Truman Capote afirmou ter feito para escrever seu livro "A Sangue Frio", pelo qual foi acusado de manipular e criar informações.

Descrição do status de vida

Quanto mais detalhes, melhor a narrativa. Quanto mais elementos de composição dos ambientes em que os personagens estão inseridos, mais nítido o retrato que o jornalista pode traçar em sua reportagem. O quarto recurso apresentado por Tom Wolfe envolve uma observação minuciosa de tudo que cerca os fatos principais – estratégia usada pelos autores do realismo social para compor suas cenas de ficção. Mas quais são os detalhes que merecem atenção?

"Trata-se do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos

⁵ 2005, p. 54.



vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. Simbólicos de quê? Simbólicos, em geral, do status de vida da pessoa. (...) O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. Ele se coloca junto ao centro de poder do realismo, assim como qualquer outro recurso da literatura".⁶

Dormir, nunca mais

Uma busca genérica nas bases de dados dos principais periódicos nacionais e internacionais de medicina e saúde (neste artigo, foi utilizada a base de dados PubMed⁷, bastante difundida entre pesquisadores e profissionais da área de saúde) com o termo "fatal familiar insomnia" (Insônia Familiar Fatal) no campo "título" não traz um resultado muito expressivo. São apenas 13 artigos ou textos de revisão científica sobre o tema, publicados desde 1986. O primeiro "paper", publicado no prestigioso "New England Journal of Medicine", traz a data de outubro de 1986 e é assinado, entre outros autores, pelo pesquisador italiano Enio Lugaresi, citado como um dos personagens da reportagem de "Piauí". O primeiro artigo foi publicado dois anos depois que Lugaresi recebeu, em sua clínica, um paciente com os sintomas da doença, até então desconhecida no meio acadêmico, conforme o trecho a seguir, retirado da reportagem.

"Em 1984, Silvano, tio de Elisabetta, veio visitá-los. Pouco antes, ficara sob a mira de armas durante um assalto a banco em Veneza. Tinha 53 anos. Seus olhos estavam pequenos como cabeças de alfinete, tinha o rosto chupado. Era óbvio o que havia de errado com ele.

Elisabetta ficou arrasada. Ela e Ignazio vinham evitando ter filhos. Mantinham-se à espera, observando se a mãe de Elisabetta adoecia. "Eu era uma espiã em minha própria casa", recorda-se. "Ia ao quarto dela na ponta dos pés, para conferir se estava mesmo dormindo; mamãe ficava incomodada, começou a jogar os chinelos em mim."

O tio Silvano tinha acabado de passar as férias com a mãe. Contou-lhes que suava tanto que ficava encabulado de dançar. Sempre fora um dançarino formidável, elegante, usava um lenço dobrado com a ponta de fora no bolso do paletó. Conquistador, agora estava impotente. Elisabetta, Ignazio e Silvano sabiam o que viria a seguir. Embora não pudessem provar, sabiam que o que estava matando a família era a insônia – a insônia não era apenas um dos elementos da bizarra moléstia familiar, mas o seu elemento crucial.

Resolveram consultar um especialista em distúrbios do sono. Em Bolonha, havia uma clínica dirigida por um professor chamado Elio Lugaresi. Ignazio telefonou para o médico. Poderia examinar o tio da sua esposa? Lugaresi pediu que a família viesse no dia seguinte. Professor popular na Universidade de Bolonha, ele é um homem bem-humorado, de maneiras simples. De certo modo, é essencialmente italiano: a única vez que o vi de fato aborrecido foi quando, depois de me levar a um restaurante caro,

⁶ 2005, p. 55.

⁷ Ferramenta disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/sites/entrez?db=PubMed>>



soube que eu não bebia vinho. É também ambicioso, e tem disposição para pensar fora dos parâmetros da medicina italiana.

Lugaresi se lembrava nitidamente da chegada de Silvano. Tinha boa aparência, ombros largos, “era um homem culto”, disse ele. Silvano recebeu um quarto com uma cama confortável. Um equipamento de vídeo foi ligado a fim de gravar seu comportamento, e sua cabeça foi coberta por sensores cerebrais.”⁸

O relato sobre o encontro com Lugaresi não abre a reportagem nem é o trecho mais importante da mesma, do ponto de vista da densidade informativa. Mas ilustra o tratamento que é dado ao assunto durante todo o texto: em vez de simplesmente enumerar os fatos, o autor os situa em uma dimensão narrativa, aproximando o leitor dos acontecimentos. A partir de agora, iremos relacionar duas das estratégias narrativas descritas por Tom Wolfe – e recuperadas da literatura do Realismo Social, segundo o próprio autor – à reportagem em questão. São elas: a narração cena a cena e a descrição do status de vida.

O texto é aberto da seguinte forma:

“Em 1791, numa pequena cidade perto de Veneza, nasceu um homem chamado Giacomo. Seus familiares tinham, em geral, um porte físico impressionante. Eram fortes, de ombros largos (e ainda hoje são assim). Um dia, no outono de 1836, aos 45 anos de idade, Giacomo adoeceu misteriosamente: parou de dormir, começou a sofrer de demência. Terminou confinado à cama, sem dormir nunca, em meio a tormentos. Depois, morreu.”

Já nas primeiras linhas, é possível perceber traços literários. No lugar de enumerar os “fatos principais” da matéria – elementos constituintes do “lead” – o autor traz um fato temporalmente distante para tentar rastrear a origem da doença. E não só com esse objetivo. Exatos 150 anos antes da publicação do primeiro artigo científico sobre a Insônia Familiar Fatal (IFF), um evento restrito a uma família italiana ganha destaque para despertar a curiosidade, no leitor, sobre o que virá a seguir.

A descrição da doença, longe de ser um tedioso emaranhado de termos científicos, é feita de modo a simplificar a linguagem, a ponto de tornar o tema acessível ao leitor não

⁸ Texto disponível, na íntegra, em <http://www.revistapiui.com.br/2007/mar/questao_medica.htm>

familiarizado com o universo da medicina. A narração *cena a cena*, tal qual descrita por Tom Wolfe, é encontrada em vários trechos, como no seguinte:

"A marcha dos sintomas da insônia familiar fatal é implacável. No caso típico, quando a pessoa está na casa dos 50 anos, de repente passa uma noite inteira sem conseguir dormir. Tenta compensar com um cochilo à tarde, mas não consegue. As pupilas ficam minúsculas. Os homens se tornam impotentes. A pressão sanguínea e o pulso se elevam, a transpiração é copiosa, o corpo todo se acelera. Nos meses seguintes, de modo incessante e desesperador, a pessoa tenta dormir. Às vezes, fecha os olhos, mas só consegue cair num leve estupor, que não proporciona nenhum repouso efetivo. Dentro do cérebro, o sinal de trânsito que controla a vigília está sempre com a luz verde acesa.

Segue-se então um declínio progressivo. A capacidade de se equilibrar, de andar e de falar desaparece gradualmente. O mais trágico, talvez, é que o raciocínio permanece intacto. A vítima costuma saber com precisão o que lhe está acontecendo. Consegue falar sobre o seu martírio e, no início da doença, até escreve seus pensamentos. No fim, perde a coordenação. Quando o corpo pára de trabalhar, só a expressão desesperada nos olhos mostra que a pessoa sabe o que está acontecendo. Na fase final, depois de vários meses, o doente cai num estado de exaustão semelhante ao coma e, misericordiosamente, morre."

Quando da apresentação dos personagens – que, devido à natureza da matéria, quase sempre são pessoas que já morreram devido à doença – o autor também lança mão do recurso da narração *cena a cena*, como no trecho a seguir:

"Anos depois, uma das tias de Elisabetta veio visitá-los. Tinha 48 anos e, pouco antes, entrara na menopausa. Parecia deprimida. Não conseguia dormir. Pediu um sedativo a Ignazio. Nada ajudava. A tia começou a se desesperar com sua insônia eterna. Passou a ter alucinações. Ignazio e Elisabetta levaram-na a um neurologista em Pádua, que, erradamente, diagnosticou demência. "A paciente compreende tudo", disse Ignazio. "Sabe que está presa a uma exaustão perpétua, mas sua mente permanece lúcida." A tia morreu pouco depois, com apenas 30 quilos. O hospital fez uma autópsia. "Ainda recordo como saíram da sala de cirurgia, as mãos cobertas de sangue, e disseram: 'Bo'", contou Elisabetta. Bo, em italiano, significa "Não temos a menor idéia, não dá para entender." Como causa da morte, um funcionário do hospital registrou: "encefalite de origem indeterminada"."

Em um parágrafo (a matéria tem 41, no total), é descrito o tormento e, finalmente, a morte de um dos personagens, cujo nome sequer é apresentado, como que para expressar ao leitor que importa mais a enumeração dramática de mortes decorrentes da doença do que a identificação de todos os atores descritos na trama.



Por fim, a narração cena a cena também é usada quando o autor se insere na narrativa, o que ocorre em vários momentos. O objetivo, nesse caso, é novamente aproximar o leitor da experiência da reportagem, trazendo-o para o cenário da apuração – como se ele pudesse acompanhar o "making of" da matéria. É o caso do trecho a seguir:

"Durante minha visita ao laboratório de Gambetti, o telefone tocou. Pude ouvir só parte da conversa, mas foi assim: "Você tem um meio de mantê-lo congelado? Tem uma geladeira? Bem, veja se cabe no congelador, então. E geb seco?" Desligou o telefone para falar com eloquência sobre os benefícios científicos obtidos com o estudo dos cérebros da família de Elisabetta. Lamentou sinceramente a desgraça da família. Uma de suas equipes, contou-me ele, está trabalhando para obter uma vacina para a doença de Creutzfeldt-Jakob. Em mais uma descoberta interessante, a equipe mostrou que variantes do mesmo gene de proteína de príon pode produzir IFF e uma forma da doença de Creutzfeldt-Jakob."

Outro recurso bastante explorado pelo autor é o da descrição do status de vida, que, segundo o conceito de Tom Wolfe, se baseia na apresentação de gestos e costumes dos personagens e detalhes dos ambientes nos quais a trama jornalística se desenrola. Com relação ao status de vida dos personagens, eis um trecho que ilustra o uso da estratégia narrativa:

"A mãe é diferente. Elisabetta é pequena e enérgica. É como se o gene de Giacomo tivesse pulado uma geração. Ela tem 50 anos, cabelos louros acastanhados e bolsas embaixo dos olhos. Treme e chora com frequência. Não dirige, anda de bicicleta pela pequena vila com seus canais abandonados. É a única italiana que conheci que não gosta de ser abraçada e beijada. Seu marido, Ignazio, que tem o rosto suave e o bigode curvo de personagem de opereta, pegou um livro e me mostrou uma reprodução do famoso desenho de Albrecht Dürer que representa a melancolia. "Esta é Elisabetta", disse ele."

Melancólica e avessa aos costumes arraigados no povo italiano, Elisabetta é, ao lado de seu marido Ignazio e dos médicos descritos na reportagem, uma das personagens principais da história. É dela que parte a iniciativa de buscar, entre médicos renomados, informações relativas à doença que fulminou gerações de sua família sem que ninguém descobrisse o motivo das mortes.

A descrição minuciosa também é usada quando o autor precisa detalhar algum ambiente relacionado à história principal, como o trecho em que é apresentado o laboratório de um dos cientistas envolvidos na investigação da IFF.



"Quando lhe contei isso, o professor Gambetti ficou penalizado. Ele é um homem alto, de costas curvadas e cabelo escuro, que começa a rarear no topo da cabeça. Seu laboratório em Case Western é o centro de vigilância dos Estados Unidos para as doenças de príon. Há um congelador, com uma placa de risco biológico na porta, cheio de pedaços de cérebro suspeitos de infecção. Outros congeladores no porão contêm mais centenas de amostras, inclusive os cérebros de membros da família de Elisabetta. Tanto quanto o cemitério rodeado por ciprestes perto da casa de Elisabetta, o laboratório é o verdadeiro túmulo do clã de Giacomo. Se houver uma pane elétrica, o telefone na casa de Gambetti tocará automaticamente. Na era do mal da vaca louca, o tesouro de cérebros de Gambetti, um dos maiores do mundo, tem um grande valor."

Considerações finais

Jornalismo é ofício, mas também é arte. É a união de observação com emoção. Do método de apuração e redação com a liberdade de tecer narrativas ricas, complexas, belas. Os recursos citados por Tom Wolfe são ferramentas úteis na construção de relatos jornalísticos, mas não são os únicos meios de produção de reportagens. Se prestam, contudo, à identificação de reportagens diferenciadas em meio ao manancial de textos, nos meios impressos, que seguem os preceitos de um tipo de jornalismo que ousamos, aqui, chamar de burocrático, preso às amarras estruturais do modelo da pirâmide invertida e da informação em detrimento da narrativa.

O exemplo usado neste artigo ilustra as possibilidades abertas pelo Jornalismo Literário em uma área de cobertura que raras vezes se beneficia desse tipo de construção textual. O Jornalismo Científico, e mais especificamente o Jornalismo de Saúde, pode – como indica o texto aqui analisado – se valer de técnicas emprestadas da literatura para oferecer informações precisas e, ao mesmo tempo, atraentes para o leitor.

Referências bibliográficas

CASTRO, G. e GALENO, A. (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

LIMA, E. Registros breves para uma história futura. Disponível em: www.textovivo.com.br/edvtt01.htm . Acesso em: 14 de junho de 2007

_____. *Páginas Ampliadas*. São Paulo: Manole, 2004



MAX, D. T. Dormir, nunca mais. Disponível em:

www.revistapiaui.com.br/2007/mar/questao_medica.htm . Acesso em: 14 de junho de 2007

WOLFE, T. El Nuevo Periodismo. Barcelona: Anagrama, 1976.

_____. Radical Chique e o Novo Jornalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.